

# Corpo, Memórias, Sensibilidades e Representações nas Danças Circulares Sagradas

Ana Lúcia Marques Ramires<sup>1</sup>

**Resumo:** Corpo, memórias, sensibilidades e representações são temas presentes no Capítulo II, denominado de Intuição Sensível do trabalho de mestrado intitulado *Uma Mandala Viva em Movimento: dez anos de Danças Circulares Sagradas no Grupo Redenção de Porto Alegre (2002-2012)*. Neste trabalho, a autora pesquisou e registrou a memória social do citado grupo, partindo de três aspectos da memória em Halbwachs: Comunidade Afetiva, Intuição Sensível e Semente da Rememoração. Além da investigação no Brasil, a pesquisa foi realizada, e também apresentada em Findhorn (Escócia), resultando assim, uma dissertação e um vídeo que trata dos aspectos históricos-culturais e sensíveis, relacionados à memória social do Grupo Redenção. Neste artigo conceituamos as Danças Circulares Sagradas, localizando-as no tempo e no espaço e apontamos alguns de seus usos atuais. Após, articulamos parte dos achados de pesquisa (em forma de citação textual e figura) com os autores da História Cultural, como Chartier, Pesavento e Santos.

[...] na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de intuição sensível [...]. (HALBWACHS, 2006, p. 42)

## As Danças Circulares Sagradas – conceito e usos atuais

As Danças Circulares Sagradas são danças realizadas em círculos com a intenção do dançar junto. Embora dançar em círculo seja uma atividade muito antiga, o movimento das Danças Circulares Sagradas é bastante recente. Na década de 1960 do século XX, enquanto a Europa recuperava-se dos traumas deixados pela Segunda Guerra Mundial e os movimentos sociais reivindicavam liberdade, paz e amor, o bailarino e coreógrafo Bernhard Wosien (1908 -1986) dedicava seu trabalho à pesquisa, à elaboração e à preservação das danças étnicas e folclóricas europeias, enfatizando nestas os aspectos do estar junto, do sagrado e da cura. Desta forma, Bernhard Wosien adaptou danças de diferentes origens para o círculo. Para ele, as danças tinham um caráter meditativo. Começava assim, um trabalho de valorização da diversidade cultural e da memória destas danças.

Em 1976, Bernhard Wosien foi à Comunidade de Findhorn<sup>2</sup> (Escócia, um dos centros do movimento New Age na Europa), a fim de ministrar um curso de danças. Para lá retornou

<sup>1</sup>Mestre em Memória Social e Bens Culturais pelo UNILASALLE-RS. Email: ana.lucia.ramires@hotmail.com.

outras vezes, sendo que as Danças Circulares Sagradas passaram a fazer parte das atividades diárias daquela comunidade. Com o tempo, as danças espalharam-se pelo mundo, principalmente através de pessoas que, ao visitarem Findhorn e experimentá-las, acabavam gostando desta forma de dançar. No Brasil, estas danças chegaram à década de 1980 do século XX e, no Rio Grande do Sul, no início da década de 1990 do mesmo século.

O site do Semeiadança<sup>3</sup> destaca os usos atuais das Danças Circulares Sagradas em diferentes ocasiões: como *dançatas nos espaços públicos*, parques e praças; como danças de *tradição* e como ferramentas para trabalhar valores éticos, sociais e a diversidade cultural, atendendo neste sentido a outro uso, os *públicos específicos*, ou seja, pessoas em conflitos com a lei, situação de risco social, portadores de necessidades especiais, idosos. Na área da *Saúde*, as danças são usadas para o equilíbrio do corpo, em seus aspectos físico, mental e emocional, cuidados especiais e cura.

## Sobre a pesquisa realizada Grupo Redenção de Danças Circulares Sagradas

Porto Alegre é uma das cidades em que há dezenas de grupos de Danças Circulares Sagradas e o **Grupo Redenção**<sup>4</sup> é um dos pioneiros. Ele forma-se espontaneamente dois sábados por mês, na sala Multiuso do Parque Esportivo Ramiro Souto, situado dentro da área do Parque Farroupilha (Redenção). Ali, a prática das Danças Circulares Sagradas começou em 2002 e, em dezembro de 2012, completou uma década.

O interesse pelo tema e pelo objeto de pesquisa advém da percepção da pesquisadora, ao observar a riqueza cultural destas danças durante as suas vivências no Grupo Redenção, a partir de março de 2010. A pesquisadora já praticava estas danças em outro grupo no centro de Porto Alegre, mas foi no Grupo Redenção que a mesma percebeu a existência de um

---

<sup>2</sup> A Findhorn Foundation é uma associação sem fins lucrativos, parte de uma comunidade espiritual composta de cerca de 400 pessoas e espalhada em torno da baía de Findhorn, ao norte da Escócia. A comunidade que cresceu à sua volta continua afirmado a interconexão de toda a vida, através de estruturas espiritualmente, socialmente e economicamente sustentáveis, incluindo o uso de técnicas de construção ecológicas, geração de energia responsável, reciclagem e produção de alimentos orgânicos. A comunidade inclui mais de 40 organizações diversas, todas interconectadas por uma visão positiva da humanidade e da Terra. Findhorn não impõem nenhuma doutrina ou crença formal. Acredita que a humanidade está envolvida num processo de expansão evolutiva da consciência, gerando novos comportamentos para a civilização bem como uma cultura planetária impregnada de valores espirituais. Também não discriminamos raça, cor, idade, religião ou orientação sexual. Disponível em [www.jogodatransformacao.com.br](http://www.jogodatransformacao.com.br) Acesso em 02.04.2012.

<sup>3</sup> Um dos principais sites de Danças Circulares e de Danças da Paz Universal de São Paulo organizado pelas focalizadoras Arlenice Juliani, Mônica Goberstein e Vaneri de Oliveira. Disponível em: [http://www.semeiadanca.com.br/quem\\_somos.htm](http://www.semeiadanca.com.br/quem_somos.htm) Acesso 20.07.2011.

<sup>4</sup> Este grupo ainda não tem nome e, para fins desta pesquisa, chamamo-lo de Grupo Redenção de Danças Circulares Sagradas.

diferencial, dado que o mesmo está localizado em espaço público, é aberto a todos, gratuito, feito através de ações voluntárias e cooperativas. Pessoas de diferentes grupos de Danças Circulares Sagradas da cidade encontram-se ali para dançar, orientados por dois focalizadores<sup>5</sup> diferentes a cada encontro. Seguidamente, o grupo recebe novas pessoas para experimentar as Danças Circulares Sagradas e por tal motivo há uma reconfiguração do Grupo Redenção.

O propósito de nossa investigação foi identificar e registrar o processo de construção da Memória Social do Grupo Redenção de Danças Circulares Sagradas. Como referencial teórico principal utilizou-se Halbwachs (2006) e três aspectos da memória social, apontados por ele, sendo que estes embasaram sucessivamente os três capítulos da dissertação: a *Comunidade Afetiva* (onde foi elaborado um histórico destas danças de Findhorn a Porto Alegre, passando pelo movimento New Age); a *Intuição Sensível* (tratando os achados de pesquisa nas temáticas do corpo, memórias, sensibilidades e representações) e a *Semente da Rememoração* (que aborda o conteúdo cultural das Danças Circulares Sagradas).

Em julho de 2012 a pesquisa de campo foi ampliada até a Fundação Findhorn (Escócia, berço das Danças Circulares Sagradas e do movimento New Age), onde também foi apresentada durante o Festival de Sacred Dance, Music and Song. A partir deste momento, os horizontes de investigação alargaram-se, de forma que outros autores foram incluídos, para dar suporte principalmente à parte histórica que tem muita influência sobre o tema e o objeto pesquisados.

Assim, concebemos a Memória Social do Grupo Redenção a partir de Halbwachs (2006), Gondar (2005,2008), Pollak (1992). Com estes autores, buscamos a parte essencial, mais estável das lembranças e da identidade sobre o Grupo Redenção, observando as suas peculiaridades. Tendo em vista que as memórias individual e social são seletivas e relacionadas ao afeto, utilizamos referências da História Cultural – Chartier (1990), Pesavento (2004, 2007) e Santos (2000) para concebermos as sensibilidades e representações dos entrevistados. Na questão histórica e cultural sobre as Danças Circulares Sagradas, apoiamos-nos no próprio Bernhard Wosien (2000), Barton (2006), Brasil (2010), Kaminski (2008), Preiss (2011), Terrin (1996), e Walker (1998). O objetivo era compreender e registrar a origem, as características e os sentidos de dançar junto e em círculo no Grupo Redenção.

Conforme os objetivos propostos e articulando os autores citados, a pesquisa de campo identificou e registrou a Memória Social do Grupo Redenção de Danças Circulares Sagradas

---

<sup>5</sup> Focalizadores são pessoas que têm formação em Danças Circulares Sagradas que passam as coreografias aos demais praticantes.

que se construiu pelo conjunto das lembranças que os entrevistados tiveram sobre os acontecimentos vivenciados no grupo em três dimensões principais: a histórica, a sensível e a cultural.

A metodologia principal empregada consistiu em entrevistas individuais semiestruturadas (no total de vinte e duas, tendo como critério a antiguidade e importância dos entrevistados para estas danças), realizadas com quatro grupos de participantes diferentes, compostos por focalizadores e praticantes de Danças Circulares Sagradas. Os trechos dos depoimentos foram usados como citações textuais e figuras, onde revelamos os aspectos histórico-culturais, sensíveis e sociabilizadores destas danças. O produto final foi um vídeo que apresenta o tema, localizando-o no tempo e no espaço, ressaltando imagens sobre os grupos onde a pesquisa foi realizada.



Figura 1 - Grupos Pesquisados.  
 Fonte: Ana Lúcia Marques Ramires

## Corpo, Memórias, Sensibilidades e Representações nas Danças Circulares Sagradas do Grupo Redenção

Nesta segunda parte, trazemos alguns exemplos (em forma de citações e figuras) da articulação entre os achados de pesquisa e o referencial teórico, mostrando as sensibilidades e as representações do **grupo pesquisado principal** (composto por cinco focalizadores e cinco praticantes de Danças Circulares Sagradas que dançam no Grupo Redenção, Fig.1), ao responder as perguntas 7 e 8 do roteiro de entrevista sobre o que sentiam e gostavam ao dançar no Grupo Redenção.

Dentro da concepção de corpo inteiro, integrado, complexo e sensível situamos as Danças Circulares Sagradas, o Grupo Redenção e as nossas questões sobre memórias, sensibilidades e representações. Lima (2009), no texto *Identidade e Mudança: o corpo em perspectiva histórica*, cita o antropólogo José Carlos Rodrigues, para quem “pensar o corpo em perspectiva histórica é remeter a uma história da sensibilidade,” tratando desta forma em

“problematizar nossos modos de sentir, constituídos e definidos no processo civilizador.” (LIMA, 2009, p.9).

Segundo Pesavento (2004), o historiador Gustav Droyser (século XIX) considerava que a natureza e a história são concepções da mente. Assim, a história seria uma vontade de atribuir “sentido às coisas”. Esta necessidade de sentidos provém das percepções realizadas pelo historiador que passa a explicar o mundo, através de sensibilidades e representações. (PESAVENTO, 2004, p.5)

Inicialmente, as sensibilidades são formas de conhecer o mundo que brotam no corpo como resposta à realidade (Quadro 1), conforme salienta Pesavento. Em um segundo sentido, as sensibilidades podem ser entendidas como manifestações do pensamento, organizadas e estáveis, momento em que as sensações se “transformam em sentimentos e afetos, estados da alma.” (PESAVENTO, 2007, p.10). Assim, a evocação de memórias individuais e coletivas tem um papel importante nesta constituição do sensível.

As sensibilidades se apresentam, portanto, como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido. (PESAVENTO, 2007, p. 14.15)

Quadro 1 - Comparação entre o referencial teórico e a rememorização da entrevistada

<b>Pesavento</b>	<b>Malu Menin</b>
1. “as sensibilidades são formas de conhecer o mundo que brotam no corpo como resposta à realidade...”	Com relação às lembranças, o que eu posso lembrar é das minhas sensações.
2. “... momento em que as sensações se “transformam em sentimentos e afetos, estados da alma.”	Lembro-me de uma experiência que eu tive com a minha parceira (em um dia em que foi focalizar no Grupo Redenção), eu tenho uma ligação muito grande com a Miriam Tlaija. Eu acho que ela é uma grande irmã.

Fonte: Ana Lúcia Marques Ramires

Em “*Sensibilidades no Tempo, Tempo de Sensibilidades*”, Pesavento (2004) destaca que a descoberta dos sentimentos fora feita pelo Romantismo do século XIX e, desta época em diante, as sensibilidades se tornaram presentes no imaginário social, como uma forma de conhecimento do mundo e estão inseridas no processo de representação da realidade. As sensibilidades “se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído.” (PESAVENTO, 2004, p.3-8). Assim, cabe ao historiador exteriorizar, através de registros, as sensibilidades geradas dentro dos

indivíduos. Mas poderíamos mensurar estas sensibilidades? A autora nos responde que, talvez, somente a capacidade mobilizadora destas sensibilidades fosse o parâmetro mais apropriado, uma vez que o sensível é mais qualitativo. (PESAVENTO, 2004, p.7-9).

Desta forma, as sensibilidades articulam-se com as representações do mundo social. O historiador Roger Chartier considera dois sentidos para o conceito de representação: “de um lado há uma ausência, havendo uma diferença entre o que se representa e o que é representado, e por outro, a representação é uma presença, ou seja, uma apresentação pública de algo ou de alguém.” (CHARTIER, 1990, p.20). Para este autor, os discursos de uma pessoa ou de um grupo não são neutros.

Na passagem da entrevista da praticante Clízia Helena Backx Martins, temos a sua percepção ao dançar. Pelo seu discurso, observamos o quanto os seus sentimentos se inserem no processo de representação de que falam Pesavento e Chartier. O seu relato nos mostra uma visão de mundo, um conhecimento de si, cuja origem remete à história das Danças Circulares Sagradas, ao paradigma holístico do New Age e à ideia destas danças como uma meditação em movimento, conforme entendia Bernhard Wosien.

Eu acho que no momento em que eu danço, eu tenho que estar conectada. Eu tenho uma formação intelectual. Eu sempre fui muito de estudar. Eu tenho um trabalho como pesquisadora, como professora [...]. As Danças Circulares Sagradas, neste sentido, me fazem sentir parte do universo. Elas me fazem sentir parte de uma coisa maior e eu me vinculo juntamente com a natureza. Para mim, a dança é uma meditação em movimento. Eu diria, conexão e meditação em movimento, que são duas coisas que me fazem sentir muito bem, além de ser uma terapia, elas também têm essa conotação.<sup>6</sup>

Em relação ao conceito de representação, Santos (2000) considera que “a noção de representação está ligada à noção de que algo pode ser reapresentado, ressimbolizado no real (e sobre o real). Em outras palavras, imagens e discursos representam o mundo, representam o real através de seu aspecto simbólico.” (SANTOS, 2000, p.25). No *texto relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil*, Pesavento pondera sobre o papel das representações.

A categoria da representação tornou-se central para as análises da Nova História Cultural, que busca resgatar o modo como, através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de ideias e imagens da representação coletiva e se atribuindo uma identidade. (PESAVENTO, 1995 apud SANTOS, 2000).

<sup>6</sup> Entrevista com a praticante Clízia Helena Backx Martins realizada por Ana Lúcia Marques Ramires em 20.05.2012.

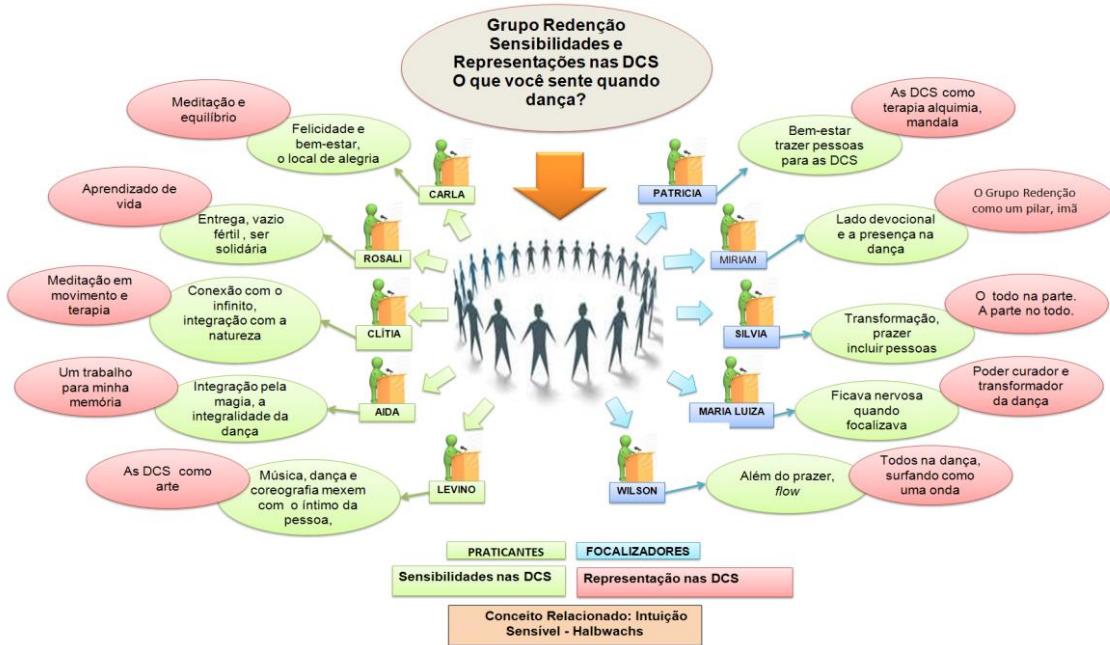


Figura 2 – Sensibilidades e Representações.

Fonte: Ana Lúcia Marques Ramires

- Eu vejo quando assim, quando a gente olha de cima a dança, nos filmes que Gabriele Wosien fez, que a Friedel Kloke fez; a gente olha as danças de cima e a gente vê essa **mandala viva** se movimentando. Para mim elas também são uma rede, uma **costura**, uma **trama**<sup>7</sup>.

Dançar é uma manifestação sensível que trabalha simultaneamente vários aspectos da pessoa. De acordo com Aline Silva Brasil, “cada corpo é um corpo, um lugar agregador de símbolos, sensações, percepções, subjetividades e impressões que são únicas, que se expressa dentro de uma determinada cultura.” (BRASIL, 2010, p. 1) Neste sentido, mais subjetivo e em relação ao Grupo Redenção, o focalizador Wilson Leipnitz recordou o trabalho realizado pela focalizadora Patrícia Viegas Preiss com a *linguagem do flow*, sobre o qual ele revelou as suas impressões, evidenciando, na sua rememoração, sensibilidades e representações que teve ao dançar naquele movimento sintônico de todos os dançarinos no círculo.

- Quando você está focalizando ou simplesmente quando você vai lá, no Grupo Redenção para dançar. O que você sente? O que você mais gosta?<sup>8</sup>

- É o prazer, no fim é muito mais que um prazer. A Patrícia Preiss fez um trabalho em que ela traz a linguagem do ‘flow.<sup>9</sup>’ Para mim, o que eu entendi

<sup>7</sup> Entrevista com a focalizadora Patrícia Viegas Preiss realizada por Ana Lúcia Marques Ramires em 29.08.2012.

<sup>8</sup> Pergunta realizada por Ana Lucia Marques Ramires.

<sup>9</sup> No estado do fluir (**flow-feeling**), a consciência do atleta está totalmente absorvida pela ação em que qualquer tipo de outro pensamento ou emoção é totalmente excluído. Para esse fenômeno mental, um estudioso da Universidade de Chicago chamado Mihalyi Csikszentmihalyi, após várias pesquisas na década de 70, com

disso aí, é que tem um terapeuta, se não me engano, tcheco que mora nos Estados Unidos, não lembro o nome dele agora (Mihalyi Csikszentmihalyi)<sup>10</sup>. Mas *flow* é como se a gente tivesse **surfando a onda** do (su fua) ou estar no **sol do meio dia**. O sol do meio dia é quando não existe sombra. Todo o meu corpo está iluminado, é como se eu estivesse no lugar certo, no tempo certo, com as pessoas certas. Nesse momento, é como se a eternidade se abrisse e ficasse ao meu dispor. É um momento singular, vai muito mais que um prazer. Esse processo de aprendizado da dança ou de relembrar; porque eu penso que todo mundo dança, é exatamente o que nos leva ao *flow*, tanto para pessoa que está procurando passar a dança, como a pessoa que está recebendo. Um processo de aprendizagem que, quando a gente eventualmente não acerta, a gente não se entrega ao fracasso. A gente se mobiliza para acertar. Então é diferente. Tem estudos que falam que é como se a gente entrasse em ressonância. Quando todos dançarinos começam acertar o passo, há um “ganha-ganha”. No movimento em conjunto, a gente começa então a surfar. Todo mundo numa onda só. Isso não tem explicação lógica, mas dá uma sensação que vai além do prazer, além do bem-estar. É uma sensação de plenitude, de estar num *estado de ananda*<sup>11</sup>, na linguagem dos indianos, talvez a *linguagem junguiana*<sup>12</sup> tenha outra forma de expressar isso. Quando se ensina a dança e as pessoas acertam o passo, é particularmente muito prazeroso.<sup>13</sup>

Com o objetivo de aprofundar a questão das sensibilidades na Memória Social do Grupo Redenção, comparamos as respostas dos entrevistados do grupo pesquisado principal ao responderem as perguntas de número 7 e 8, na Fig.2, onde observamos que as lembranças dos entrevistados sobre o que sentiam e gostavam no Grupo Redenção foram expressas pelas representações sobre as Danças Circulares Sagradas e sobre o próprio Grupo Redenção, conferindo a este último identidade e sentidos.

## Considerações finais

Ao responderem às perguntas 7 e 8, os entrevistados expressaram sensibilidades e representações sobre as Danças Circulares Sagradas e o Grupo Redenção. No segmento dos focalizadores, estas danças foram representadas de diferentes formas como, por exemplo, **terapia, o todo na parte, poder curador, o surfar**. Uma entrevistada deste segmento lembrou o Grupo Redenção como um **pilar, um imã**. No segmento dos praticantes, as representações convergiram para uma visão da dança em um sentido mais pessoal e

---

posteriores publicações nas décadas seguintes, deu o nome de **flow-feeling**. Traduzido como sentimento de fluidez ou percepção de fluidez, é também conhecido como, fluir fluxo, experiência ótima e experiência máxima, todavia a expressão **flow-feeling** ficou consagrada no mundo.

Disponível em: [http://www2.uol.com.br/vyaestelar/fluir\\_no\\_esporte\\_na\\_vida.htm](http://www2.uol.com.br/vyaestelar/fluir_no_esporte_na_vida.htm) Acesso em 02.11.2012

<sup>10</sup> Psicólogo norte-americano de origem húngara.

<sup>11</sup> Em sânscrito é suprema felicidade.

<sup>12</sup> Relativa a Carl Gustav Jung.

<sup>13</sup> Entrevista com o focalizador Wilson Leipnitz realizada por Ana Lúcia Marques Ramires em 15.10.2012.

introspectivo (**meditação, aprendizado de vida, conexão, terapia**), sendo que um entrevistado ressaltou estas danças como arte.

Na dimensão sensível da Memória Social do Grupo Redenção de Danças Circulares Sagradas, a rememoração dos entrevistados trouxe à tona a fronteira tênue entre as memórias individual e social. A memória social, nesta dimensão, correspondeu aos sentidos pessoais para a prática destas danças. Aliadas à gratuidade da prática destas danças e do empenho dos focalizadores, as sensibilidades e representações verbalizadas pelos entrevistados em suas rememorações, nos permitiram compreender a continuidade do grupo que dança por mais de uma década. Desta forma, as atitudes de cooperação, os sentimentos de pertencimento e de alteridade identificam e dão coerência a este grupo que gosta de dançar pelos movimentos do corpo, pela atividade física e pelos benefícios da dança. Há um compromisso espontâneo, afetivo entre os membros do Grupo Redenção, onde cada um, a seu modo, procura se envolver de “corpo inteiro” com as Danças Circulares Sagradas, entrando, assim, dentro da proposta destas danças que é estar juntos, conforme a concepção de Bernhard Wosien e os valores da Comunidade de Findhorn.

## Referências bibliográficas

- BARTON, Anna. *Danças circulares: dançando o caminho sagrado*. São Paulo: Triom, 2006.
- BRASIL, Aline Silva. *A dança-em-criação: Reflexões Pedagógicas*. *O Mosaico – Revista de Pesquisa em Artes*, Curitiba, n.3, p.1-18, jan/jun. 2010.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo.
- GONDAR, Jô. *Memória individual, memória coletiva, memória social*. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, v. 08, n. 13, 2008. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>. Acesso 20 set. 2012
- \_\_\_\_\_. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Orgs.) *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.
- HALBWACHS, Maurice. Memória Individual e Memória Coletiva. In: \_\_\_\_\_. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29-70.
- KAMINSKI, Leon Frederico. Arte e pluralidade: uma análise da produção acadêmica brasileira sobre a contracultura. In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentin (Orgs). *A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas*. Ouro Preto: EDUFOP, 2008.
- LIMA, Nísia Trindade. Identidade e mudança: o corpo em perspectiva histórica. In: VELLOSO, Mônica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; Oliveira, Claudia (Org.) *Corpo: identidades, memórias e subjetividades*. Rio de Janeiro: Ed. Maud X, 2009. p. 7-13.
- OLIVEIRA, Vaneri. *Danças Circulares*. São Paulo: Semeiadança, 2011. 3 filmes. Disponível em: <[www.semeiadanca.com.br](http://www.semeiadanca.com.br)> Acesso em: 21 dez. 2011.

- \_\_\_\_\_. *Danças circulares sagradas*: uma breve introdução, São Paulo, 2010. 5p. Apostila distribuída no Workshop de Danças Circulares Sagradas.
- PESAVVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: *Sensibilidades na história: memórias, singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-21.
- \_\_\_\_\_. Sensibilidades no tempo, tempo de sensibilidades. *Nouveau Monde Mondes Nouveaux* , p.1-10, 2004. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229> Acesso 20 nov. 2012
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.
- PREISS, Patrícia Viegas. *Construindo o caminho do círculo*: processo de ensino/aprendizagem nas danças circulares sagradas. Porto Alegre, 2011. 70 f. Monografia (Pós-Graduação Latu Sensus em Dança) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, 2011.
- SEMEIADANÇA.[Site]. São Paulo: 2011. Disponível em: <[WWW.semeiadanca.com.br](http://WWW.semeiadanca.com.br)> Acesso em: 21 dez. 2011.
- SANTOS, Nadia Maria Weber. *A tênue fronteira entre a saúde e a doença mental*: um estudo de casos psiquiátricos à Luz da Nova História Cultural (1937-1950). Porto Alegre: UFRGS, 2000. 276 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- TERRIN, Aldo Natale. *Nova Era*: religiosidade da pós-modernidade. São Paulo: Loyola, 1996.
- WALKER, Alex. *A verdade interior*. São Paulo: Triom, 1998.